

Costurando Moda e Memória: um olhar sobre as reminiscências femininas

Juscelina Bárbara Anjos Matos¹

Nas últimas décadas, o estudo da moda tem ganhado destaque na academia e vagarosamente ocupado espaço nas preocupações dos pesquisadores. Temas como moda, imagem, sexualidade, corpo, família, gênero, alimentação e outros que tratam do cotidiano das sociedades deixaram de ser vistos como objetos frívolos e de menor importância e passaram a fazer parte do universo de pesquisa dos historiadores.

Essa mudança de mentalidade teve como grande referencial o surgimento da Escola de *Annales*, na década de 20, que propunha a diversificação de temas e possibilidades na pesquisa histórica mais voltados para as práticas cotidianas. A chamada História Nova introduziu novos problemas, métodos e objetos à história, que até então reservados ao estudo da Antropologia. Mais que isso, o tratamento e o recorte escolhido pelo historiador em relação aos objetos também são novos.

No que se refere ao estudo da Moda, Gilberto Freyre (2002), já chamava a atenção para o fato desse tema se inter-relacionar com diferentes áreas de saber como a antropologia, sociologia, psicologia, estética e história. Um objeto de estudo extremamente complexo e que, portanto, merece o olhar mais atento dos pesquisadores.

O estudo das práticas vestimentares está relacionado com o tempo histórico, condições econômicas, culturais, geográficas, modos de produção, pensamentos, organização social e representações simbólicas da sociedade. Assim, como afirma Lipovetsky (1989), podemos considerar a moda um elemento fundamental para a compreensão das sociedades modernas.

Dentre os múltiplos olhares lançados sobre a moda, aqui nos interessa a abordagem da moda enquanto elemento de resgate da memória, notadamente a memória feminina. Este artigo é resultado das pesquisas desenvolvidas durante minha

¹ Pós-graduada em Memória, História e Historiografia pela UESB, coordenadora executiva do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Moda – NIEM da UESB, professora do curso de extensão em Moda, Varejo e Produção da UESB. barbara@diodo.com.br

especialização em Memória, História e Historiografia, da Universidade estadual do sudoeste da Bahia – Uesb.

O que é moda afinal?

A origem da palavra moda vem do latim *modus*, que significa “modo”, “maneira”. No Inglês, moda é *fashion* que significa “fazer” ou “fabricar”. Assim, moda diz respeito a uma “maneira de fazer” (PALOMINO, 2003; BARNARD, 2003).

È necessário esclarecer, que quando nos referimos a moda estamos falando de um sistema de apreensão próprio, que pode ser percebido através dos costumes, estilos em voga num determinado período da história.

È nesse sentido mais restrito, onde a moda tem no vestuário sua maior expressão no processo de mudança periódica da cultura da aparência que buscamos fixar nosso olhar. O conceito de moda que trabalhamos é o da moda enquanto fenômeno social, histórico, cultural, econômico, geográfico e comportamental de produção simbólica, industrial e mercadológica, relacionados à criação estética do vestuário e complementos, bem como da aparência visual, presente no cotidiano das sociedades modernas, interferindo, transformando, remodelando e sendo remodelada pelas mesmas.

Segundo Souza,

A moda é uma forma de expressão [...] que representa o espírito de uma época”. E [...] para compreendê-la em toda a sua riqueza é necessário [...] inseri-la no seu tempo e lugar, no sentido de descobrir as profundas ligações que mantém com a sociedade que a produziu (SOUZA, 2003, p. 29).

Mas a moda não pertence a todas as épocas e todas as civilizações. Cabe aqui uma distinção entre roupa e moda. A roupa existe desde o início da história das civilizações, quando o homem primitivo fabricou os primeiros agasalhos para se proteger das intempéries. Já a moda é um fenômeno da sociedade moderna que surge num período determinado da história.

A [...] é colocada aqui como tendo um começo localizável na história. Contra a idéia de que a moda é um fenômeno consubstancial à vida

humano-social, afirmamo-la como um processo excepcional, inseparável do nascimento e do desenvolvimento do mundo moderno ocidental.. Só a partir da Idade Média é possível conhecer a ordem própria da moda, a moda como sistema, com suas metamorfoses incessantes, seus movimentos bruscos, suas extravagâncias. (LIPOVETSKY, 1989, p. 23)

A moda – como engrenagem que conhecemos hoje – surgiu no final da Idade Média, com o surgimento das cidades, expansão comercial e o surgimento de uma nova classe, a burguesia.

Entretanto, é ao longo da segunda metade do século XIX que a moda se consolida. Com a revolução industrial surge um sistema de produção e distribuição desconhecido até então. As conquistas técnicas sucedem-se e a moda ganha mobilidade e abrangência (SOUZA, 2003).

È, também, no século XIX que ocorre uma maior distinção entre o traje masculino e feminino. È o momento da “grande renúncia” como diz Lipovetsky, onde o homem renuncia aos ornamentos e os novos atributos da moda masculina passam a ser a discrição e sobriedade. A partir deste momento a moda passa a ser uma prerrogativa feminina.

Para as mulheres – vivendo num mundo de homens – a vestimenta ganhou novos significados, passando a ser utilizada, sobretudo, como forma de expressão individual e feminina. Para quem foi em muitos momentos da história silenciada, impedida de falar, escrever e criar, os modos mais sutis de expressão tornaram-se armas de sobrevivência. *“Para a mulher a vestimenta era a expressão mais profunda e mais explícita da sua alma”* (SOUZA, 2003, p.29).

Desta forma, para além da percepção da moda enquanto fenômeno social é importante destacar seu papel simbólico.

As roupas são “Hieróglifos sociais” (MARX, 1975, p.79),, que escondem, mesmo quando comunicam, a posição social daqueles que as vestem. Quer dizer que a Moda e Indumentária podem ser formas mais significativas pelas quais são construídas, experimentadas e compreendidas as relações sociais humanas. (BARNARD, 2003, p.24).

Sendo a moda um dos instrumentos das sociedades modernas para comunicar valores, costumes, comportamentos, ideologias, poder, status, etc. num dado período,

ao abordarmos os tipos de sociabilidade existentes numa época estamos contribuindo para reconstruir a memória social de uma comunidade.

O lugar da Memória

Nas últimas décadas, os estudos sobre memória vêm ganhando espaço na pesquisa histórica, ampliando as perspectivas de análise e de reconstrução do passado. Ancorados em depoimentos orais e histórias de vida, estudos sobre memória surgem como uma alternativa às grandes narrativas que são pautadas pelos documentos escritos.

Mas o diálogo entre memória e história não é recente. Os gregos já faziam esta relação e consideravam a memória como elemento fundamental para coesão social. A palavra memória tem a sua origem no grego, *Mnemosyne*, divindade responsável por preservar a memória, inspirando os poetas na reconstrução das lembranças.

Os primeiros estudos conceitos trabalhados consideravam a memória como uma capacidade exclusiva do indivíduo, que remetiam a um conjunto de funções psíquicas, onde o homem podia armazenar e atualizar informações passadas (LE GOFF, 1996).

È a partir do momento que as ciências humanas incorporam a memória a seus objetos de estudo, trazendo o tema para a discussão da relação do indivíduo com a sociedade que o conceito de memória ganha novos significados. Halbwachs (1990), em a Memória Coletiva, traz o fio condutor dessa discussão quando afirma a existência de uma memória coletiva onde o grupo social tem participação determinante na reconstrução do passado (apud MENDES, 2004).

A memória é um fenômeno social, uma vez que o sujeito que recorda está inserido num contexto, formado por grupos de referência. A capacidade de lembrar é do indivíduo, que tem um olhar próprio sobre o passado do grupo, mas esta perspectiva só faz sentido quando estão relacionadas com as lembranças do grupo social a que pertence. A memória, portanto, tem um viés coletivo, uma vez que, segundo Halbwachs, toda história de vida faz parte da história social (MENDES, 2004). Sendo assim, a memória é o que garante a identidade e a coesão de determinado grupo.

Os mecanismos da memória não se restringem ao ato de armazenar e recordar fatos passados, na medida em que remontamos as lembranças do grupo ressignificamos às experiências do passado, tendo como referência os valores do(s) grupo(s) a que pertencemos no presente. Como diz Le Goff (1996, p. 477) a memória “*procura salvar o passado pra servir ao presente e futuro*”.

A memória feminina

A história das civilizações sempre foi uma história de homens. O domínio do pensamento masculino é quase total nos registros das sociedades do passado, pois muitos dos documentos existentes foram criados por homens e, mesmo quando escritos por mulheres esses textos estavam impregnados por uma visão masculina. A narrativa histórica tradicional, baseada em documentos escritos, sempre privilegiou a cena pública onde as mulheres pouco apareciam.

Estudos sobre a percepção feminina do passado passaram a fazer parte da produção histórica, na década de 1970, quando a história oral surge como novo método de reconstrução e análise do passado. A história oral surge como uma redenção para os chamados excluídos da história.

A partir dos anos 80, o fazer historiográfico no Brasil passou a comportar discussões que focalizavam as diferenças e multiplicidades. Esta perspectiva passou a utilizar cada vez mais o depoimento das mulheres como fontes para a História. Além disso, por estarem mais ligadas ao privado e à intimidade, era à sua memória que se recorria para focalizar aquilo que passou a se chamar História da Vida Privada. Não só a história, mas a antropologia e a sociologia despertaram o interesse para a investigação da vida cotidiana da mulher. Segundo Massi,

Os estudos sobre a cotidianidade da mulher tornaram-se importantes, porque é ela quem estrutura, organiza e dirige o cotidiano familiar. E mais, é ela quem faz o elo entre a esfera do privado com o social, ou seja, com a família maior, os amigos, a escola etc (MASSI, 1992, p.132).

No diz respeito à memória, as mulheres sempre foram consideradas como as guardiãs das lembranças de família (não é a toa que entre os gregos a representante da memória era uma divindade feminina). As mulheres são as responsáveis pela preservação e produção dos arquivos privados.

Como num período da história, o acesso a foi negado a mulher esta desenvolveu outros mecanismos de preservação da memória. “*È ao mundo mudo e permitido das coisas que as mulheres confiam sua memória*”, diz Perrot (1989, p. 13).

As mulheres se dedicam (...) à roupa e aos objetos, bugigangas, presentes recebidos por ocasião de um aniversário ou de uma festa, bibelôs trazidos de uma viagem ou de uma excursão, “mil nadas” povoam as cristaleiras, pequenos museus da lembrança feminina”(Perrot, 1989, p. 13).

Moda: memória vestida

Ao adentrarmos num museu da moda, ou num espaço como brechós que comercializam roupas de segunda mão, ou ainda, ao abrirmos o guarda-roupa e entrarmos em contato com roupas de pessoas que já não estão mais entre nós, ou mesmo aquelas que não usamos mais somos tomados por uma estranha emoção. È impossível não se perguntar a quem pertenceram àquelas roupas? Qual a sua história de vida? Os lugares que freqüentaram? E os fatos do passado que presenciaram? È como se as roupas tivessem vida própria e quisessem nos contar das suas histórias, suas memórias.

Estas roupas são memórias congeladas da vida cotidiana de tempos remotos. Antigamente, habitavam as ruas barulhentas, os teatros cheios de gente, as *soirées* brilhantes da vida social. Agora, (...) esperam pungentemente que a música comece de novo. (WILSON, 1985, p.12)

A primeira vista pode parecer estranho pensar numa relação entre memória e moda – um fenômeno marcado pela efemeridade, um ciclo rápido de existências. Aqui quando falamos em moda, nos referimos mais especificamente, ao vestuário e seus complementos, que são a expressão mais visível do sistema da moda.

Stallybrass (2000) já observava que ao pensar em roupas como modas passageiras, nós expressamos apenas meia-verdade. Os corpos vêm e vão: as roupas sobrevivem ao tempo. Elas circulam nos brechós, bazares de caridade, passam de geração a geração.

Ao tratar sobre a memória das roupas, Stallybrass afirma que a vida social da roupa “está no fato de que ela nos recebe, recebe nosso cheiro, nosso suor, recebe até mesmo nossa forma. (...) As roupas recebem a marca humana” (STALLYBRASS, 2000, p. 13-14). Aqui a vestimenta é entendida como uma “extensão do homem” (MCLUHAN, 1989).

Perrot, ao tratar da memória feminina, divide a memória das roupas em duas categorias: as roupas de cama, mesa e banho - o enxoval – pertencem ao mundo do privado; o vestuário à esfera pública.

O enxoval, cuidadosamente preparado (...) é uma longa história entre mãe e filha. A confecção do enxoval é um legado de saberes e de segredos, do corpo e do coração, longamente destilados. O armário de roupa é ao mesmo tempo o cofre e o relicário. (PERROT, 1989, p. 14)

Ao abordar o vestuário, Perrot diz que “*a memória das mulheres é uma memória trajada*” (1989, p.14). Os mecanismos de apreensão da memória feminina têm suas particularidades, guardam mais detalhes. É comum ao relembrar um fato, a mulher descrever os pormenores, como por exemplo, a roupa que usava, os detalhes dos acessórios. Além disso, como já abordamos em outro momento, é através do mundo permitido das coisas que as mulheres guardam sua memória. Quando não podiam escrever, tinham na memória das coisas uma forma de preservar as suas reminiscências.

Uma mulher inscreve as circunstâncias de sua vida nos vestidos que ela usa, seus amores na cor de uma echarpe ou na forma de um chapéu. Uma luva, um lenço são para ela relíquias das quais só ela sabe o preço (PERROT, 1989, p.14).

Assim, podemos dizer que pensar sobre roupas é pensar sobre memória. O poder da roupa está associado a dois aspectos quase contraditórios de sua materialidade: sua capacidade para ser permeada, impregnada e transformada tanto

por quem a confecciona quanto por quem a veste; e sua capacidade para durar no tempo. Como afirma Stalybrass, a roupa está intrinsecamente ligada a memória, a roupa é um tipo de memória.

Bibliografia:

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Tradução: Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

FREIRE, Gilberto. **Modos de Homem e modas de mulher**. 4^o ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LEGOFF, J. **História e memória**. 3 ed. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

LIPOVETSY, Gilles. **Império do efêmero: a moda e seus destinos nas sociedades modernas**. Tradução: Maria Lúcia Machado. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MASSI, Marina. **Vida de Mulheres: cotidiano e imaginário**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1989.

MENDES, Geisa F. **Luzes do saber aos sertões: memória e representações da Escola Normal de Vitória da Conquista**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2004.

PALOMINO, Erika. **A Moda**. 1^a Ed. São Paulo: Publifolha, 2003.

PERROT, Michelle. **Práticas da Memória Feminina**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.9, n.18, p. 09-18, agosto–setembro de 1989.

SOUZA, Maria J. A. de. Forma, textura e estilo da sociabilidade e intimidade femininas: Bahia – séc. XIX e XX. In: Peixoto, Ana L. U. *et al.* **Museu do Traje e do Têxtil**. Salvador: Fundação Instituto Feminino da Bahia, 2003. p. 29-36.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória e dor**. Tradução: Tomaz T. Da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

WILSON, Elisabeth. **Enfeitada de sonhos**. Lisboa: Edições 70, 1989.